

- ERÓTICA
Série

- **Sacher-Masoch**

Autor

- **A VÊNUS DAS PELES**

Título

- **Saulo Krieger**

Tradução

hedra

SACHER-MASOCH. *A Vênus das Peles*. Tradução: Saulo Krieger. Introdução: Flávio Carvalho Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008.

INTRODUÇÃO

LEOPOLD VON SACHER-MASOCH nasceu em 1836 na cidade de Lemberg, situada na Galícia, província ao sul da Polônia que, desde 1772, estava incorporada ao Império Austro-Húngaro. Hoje sua terra natal fica em território ucraniano. Entretanto, definia-se a si mesmo como alemão, invocando sua identidade com a língua germânica, ria qual pensava e "sentia". Tal identidade não impediu que sua verdadeira terra, a Galícia e os legendários Cárpatos, fossem o cenário de seus primeiros escritos, que ainda guardavam um caráter regionalista. Filho de família aristocrática, aprendeu em pequeno o francês, língua em que se alfabetizou juntamente com o alemão, para enfim estudar filosofia e ciências. Desde cedo alimentou o sonho de se tornar um escritor importante e reconhecido. Para tanto, elaborou o projeto de publicação de um conjunto de livros que se chamaria *O legado de Caim*, no qual retrataria aspectos da condição humana. Esse tema era, de fato, o que mais o instigava, e que viria a ser o motor de sua produção literária. Tanto que o presente romance, *A Vênus das peles*, foi a obra que o imortalizou, exatamente por abordar, de modo direto e corajoso, em um aspecto tão misterioso e intrigante da alma humana que é o prazer sensual que se pode extrair do sofrimento. *O masoquismo*, como ficou conhecida essa tendência, é algo que desafia toda lógica utilitarista ou biológica, oferecendo-se como um dos enigmas mais formidáveis dos aspectos trágico e simbólico da condição humana.

A curiosa história de Severin, que se faz escravizar por Wanda, contém os mais diversos ingredientes da paixão encerrada pelo sofrimento físico e moral. Descerra, de maneira explícita e detalhada, o universo das fantasias poderosas que nutrem a paixão e regem aquela excitação que se condiciona aos sofrimentos *físico e moral*. Deixar-se amarrar e ser chicoteado pela amante corresponde ao primeiro; obedecê-la cegamente, deixar-se humilhar por ela, entregar-se-lhe como posse e, requinte da fantasia, assisti-la entregar-se a outro amante, corresponde ao segundo. Mais do que retirar o véu que costuma cobrir as fantasias mais estranhas e secretas, o texto de Masoch põe em marcha as ações necessárias a sua consubstanciação, ali condensadas no instituto emblemático do *contrato*.

Antes da publicação de *A Vênus das peles*, Sacher-Masoch já era um escritor conhecido por diversas obras, entre as quais se destacava o livro *Conto galiciano*, de 1858. Mas sua consagração como escritor maior viria com a publicação de romances que, embora pudessem ser vistos como obras sentimentais por olhos ingênuos ou desavisados, não tardaram a ser identificados como portadores de um *plus* de erotismo que transcendia os romances tradicionais. A partir daí, ele passou a ser visto primordialmente como um escritor maldito.

Entretanto, por uma ironia, a fama que auferiu na qualidade de escritor seria sobrepujada por aquela que adveio da utilização de seu próprio nome na invenção da palavra *masoquismo*. Justa ou injustamente, Masoch passou a ser mais conhecido como aquele escritor que emprestou seu nome a este termo do vocabulário psiquiátrico do que pela sua própria obra. Vamos aos fatos.

Em Viena, no ano de 1886, o célebre psiquiatra Richard von Krafft-Ebing publicava seu tratado intitulado *Psychopathia Sexualis*,¹ um verdadeiro catálogo do comportamento sexual humano, no qual arrolava um grande número de práticas sexuais que fugiam à suposta normalidade. Ali se classificava tudo aquilo que era então considerado como "aberração" da sexualidade humana, numa vasta gama de comportamentos que ia desde o homossexualismo até o estupro e as práticas que envolviam mutilações. Pederastia, lesbianismo, pedofilia, bestialismo, necrofilia, voyeurismo, exibicionismo, nada parecia escapar a Krafft-Ebing. Tudo isso documentado com um vasto material clínico, médico-legal ou... literário. E foi assim que duas das mais conhecidas "perversões" sexuais arroladas pelo autor ficaram definitivamente vinculadas aos nomes de dois escritores: o prazer em causar dor ao parceiro foi batizado de "sadismo", em referência ao Marquês de Sade, enquanto o prazer obtido por meio do sofrimento, o "masoquismo", associava-se indelevelmente ao nome do autor de *A Vênus das peles*.

Segundo Bernard Michel, em seu livro *Sacher-Masoch*,² nosso autor não aceitou de forma passiva a nomenclatura proposta por Krafft-Ebing. Protestou contra aquela apropriação de seu nome, recusando o destino de vir a figurar na história como "perverso" ou "pervertido", ou mesmo como libertino. O fato é que o termo "masoquismo" vingou não só no vocabulário da psiquiatria e da sexologia, como veio, com o passar do tempo, a ter seu emprego consagrado no vocabulário leigo, usado a torto e a direito.

A abordagem científica de algo tão obscuro e cercado de tabus, como era a sexualidade e, *a fortiori*, as perversões sexuais, fez com que o trabalho de Krafft-Ebing repercutisse nos meios intelectuais e literários de todo o mundo ocidental. Exemplo disso foi a publicação, em solo brasileiro, do livro *Dentro da noite*,³ de João do Rio. Os contos deste livro, lançado em 1910, foram inspirados na *Psychopathia Sexualis*, obra então em voga nos círculos intelectuais bem informados do que se produzia na Europa.⁴

O livro de João do Rio, de acordo com seu prefaciador João Carlos Rodrigues, era "a maior coleção de taras e esquisitices até então publicada na literatura brasileira", na qual se incluía a "deformação sensorial" representada pelo masoquismo.

A consagração e a popularização do termo "masoquismo" foram, sem sombra de dúvida, impulsionadas pelo advento da psicanálise. Em 1905, Freud publicava os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁵, trabalho que trazia a sua primeira seção dedicada justamente às chamadas "aberrações sexuais". As categorias discutidas por Freud eram extraídas da *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, e ali se incluíam o sadismo e o masoquismo. Mesmo discordando do ponto de vista de seu predecessor, particularmente no que tangia à natureza e à etiologia das aberrações, o que nos importa aqui é que Freud adotou aqueles termos diagnósticos e nosográficos, passando a utilizá-los nos seus trabalhos subsequentes.

Krafft-Ebing fazia uma leitura moralizante das práticas sexuais desviantes, ligando-as à criminalidade e propondo uma regulamentação das mesmas pelo Estado. Freud seguiu por trilhas opostas, demonstrando outra sorte de preocupação. Além disso,

¹ Publicado no Brasil pela Martins Fontes em 2001.

² Bernard Michel, *Sacher-Masoch*, Rocco, Rio de Janeiro, 1992.

³ João do Rio, *Dentro da noite*, Antiqua, São Paulo, 2002.

⁴ Esta era, sabidamente, a regra vigente na formação de nossas elites intelectuais. É digno de nota que, tal como João do Rio, Mário de Andrade veio posteriormente a escrever seu famoso conto "O peru de Natal" (Contos novos, 1947), francamente inspirado no livro Totem e tabu, de Freud (1913). A psicanálise ocupava, então, o lugar do saber *up-to-date*, deixando para trás o tipo de abordagem de Krafft-Ebing.

⁵ Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Imago, Rio de Janeiro, 1980, v. 7.

manifestou seu desacordo com as hipóteses etiológicas correntes para os desvios sexuais, que eram atribuídos a uma degenerescência moral que, por seu turno, deveria ter como base uma outra degenerescência, de fundo biológico.

Não é difícil reconhecer aí a cilada cientificista herdada do positivismo, que ofuscava a causa moral no insistente apelo à causa natural, que deveria ser a causa última e universal. E que, por extensão, professava também a necessidade de uma causa biológica para a perversão e para a histeria, como fundamento da causa psíquica, secundária. Diga-se de passagem, esse é o imperativo que vemos aflorar novamente hoje em dia com a afirmação da psiquiatria biológica. Freud, ao contrário, via na configuração assumida pela sexualidade de cada sujeito uma montagem cuidadosamente engendrada por sua história singular, particularmente por sua experiência sexual e afetiva precoce, ao que, audacioso, chamou de "sexualidade infantil".

Freud prosseguiu, em sua obra, na tentativa de desvendar o mistério do masoquismo. Dois pontos culminantes desta empreitada são os textos "Uma criança é espancada"⁶, de 1919, e "O problema econômico do masoquismo"⁷, de 1924. No primeiro, entende o masoquismo - a fantasia de ser espancado - como transformação inconsciente do desejo de ser amado e cuidado, manipulado fisicamente. Tratar-se-ia da permanência em uma posição erótica infantil diante do objeto adulto. No segundo artigo, o masoquismo é dividido em três tipos, definidos em conformidade com seu modo de manifestação: o erótico, o feminino e o moral. Não cabe aqui entrar em pormenores conceituais ou clínicos sobre cada uma destas modalidades, mas é muito interessante associá-las ao que lemos em *A Vênus das peles*. Se Freud foi bastante perspicaz e arguto ao descrever e explicar psicanaliticamente o masoquismo, Sacher-Masoch não ficou atrás na sofisticação de sua percepção desse fenômeno psíquico, inclusive lançando mão, para expressá-la, do instrumento da literatura, que, para Freud, era definitivamente superior ao da ciência no afã de desvendar os mistérios da alma humana.

Dois componentes do masoquismo descritos por Freud, *o erógeno* e *o moral*, presentificam-se magistralmente no romance de Sacher-Masoch. Ali o sofrimento físico, tornado efetivo pelos golpes de chicote e por situações de patente desconforto, como a exposição ao frio, à fome ou à privação do sono, complementam-se pelo sofrimento moral, quiçá ainda mais excitante que o primeiro. A humilhação, a redução imaginária à condição de coisa ou de objeto, o risco de verse abandonado e traído são ingredientes indispensáveis ao prazer voluptuoso que Severin quer experimentar. É certo que ele se mortificava com a idéia de que sua amante - ou sua dona, como rezava o contrato firmado entre eles - o trocasse por outro, mas o ponto culminante de suas exigências era precisamente que ela elege-se um amante e que este viesse a amarrá-lo e castigá-lo com o látigo!

Mas é bom ter cuidado com a simplificação usual que se costuma fazer na caracterização do par sadomasoquista. Por uma curiosa relação de projeção mútua, sob o ponto de vista imaginário e fantasmático não se pode apartar cada um dos parceiros, opondo-se um ao outro. Cada um deles pode estar intimamente identificado com o outro, e isso é também aquilo que Freud explicita em termos conceituais e que Sacher-Masoch, por sua vez, demonstra na trama que engendra com grande requinte.

É desta particular relação especular entre tirano e servo, entre dono e escravo que se depreende que as aparências enganam no caso do fenômeno sadomasoquista. O que a literatura psicanalítica posterior a Freud pôs em relevo foi a tirania do masoquista diante daquele a quem solicita o tratamento cruel. Robert Stoller, psiquiatra e

⁶ Freud, op. cit., v. 17.

⁷ Freud, op. cit., v. 19.

psicanalista californiano, grande pesquisador da sexualidade humana, sobretudo da identidade de gêneros e dos fatores que condicionam a excitação sexual, demonstrou como, dentro do par sadomasoquista, é o masoquista o verdadeiro tirano, aquele que domina seu torturador e controla com pulso firme a cena. Essa característica impregna toda a cena sexual perversa, que deve ser meticulosamente montada a partir de um *script* ditado pela fantasia. Àquele que vai encenar o papel do tirano cabe, então, obedecer com rigor às ordens e fantasias do outro pólo, ou seja, daquele que, no nível manifesto, é o que se submete. À experiência excitante do risco de ser descartado pelo parceiro sádico, experiência hipócrita, corresponde a certeza secreta de que, em verdade, é o parceiro quem se tornou dependente. Devemos essas constatações - que são, na verdade, extensão da interpretação primeira que Freud já dera ao fenômeno - a autores como Joyce McDougall e Janine Chasseguet-Smirgel, na França, e Masud Khan, na Inglaterra, que, entre outros, contribuíram enormemente para a elucidação dos mecanismos psíquicos presentes no fenômeno da perversão em geral e no masoquismo em particular, dissecando o sentido latente dessas tramas que vemos em abundância no romance de Sacher-Masoch. Um outro elemento importante seria a própria sedução em si mesma, levada a termo no poder de persuasão do masoquista: ele deve ser talentoso o suficiente para convencer seu parceiro a causar-lhe sofrimento.

Em certa passagem deste romance Wanda afirma a Severin que, quanto mais a mulher se mostra cruel e sem piedade, mais ela excita os desejos do homem. E que a sua natureza lhe põe em superioridade em relação a ele, pois é o homem quem deseja, enquanto a mulher é quem se entrega. O homem, diz ela, é aquele que solicita, e a mulher, a solicitada. Ora, este raciocínio inverte a idéia comum de que, na cena erótica, o homem exerce o papel ativo, e a mulher, o passivo. Aliás, Freud dissociou explicitamente o erotismo feminino do gênero mulher e o erotismo masculino do gênero homem, para mostrar que ambos podem se encontrar combinados, em proporções diferentes, em ambos os sexos.

Portanto, a compreensão simplista e esquemática da cena sexual, com a atribuição do papel ativo ao homem e do passivo à mulher, não pode mais se sustentar. Por um curioso interjogo - aquele a que se pode propriamente denominar de erótico - a posição psíquica dos parceiros subverte qualquer lógica que se pretenda biológica ou mesmo social. Não se trata mais do papel sexual *stricto sensu* ocupado na cena, mas sobretudo do lugar de poder que se ocupa em sua montagem. Para o ser humano, não há mais sexo puramente biológico: seu regime passou a ser o psicológico. No domínio da fantasia e da linguagem, isto é, do que é peculiar ao humano, conta apenas o elemento simbólico, dado pelas significações inconscientes que se atribuem ao outro.

O masoquista, em primeiro lugar, deve idealizar excessivamente seu objeto, ou seja, desenvolver por ele uma tal adoração que poderá chegar, como nesta história, às raias da idolatria. Deve atribuir-lhe uma superioridade da qual resultará o prazer da submissão. Ele sofrerá, sim, mas triunfará em segredo, pois sabe que mantém em seu poder o controle da situação. Essa é uma das chaves para a compreensão do comportamento masoquista. A idealização do parceiro corresponde a idealização do próprio gozo, vivido como voluptuoso e superior ao gozo dos mortais comuns, vistos como seres que não possuem o privilégio de conhecer formas tão excitantes como a dele de viver a sexualidade.

A superioridade idealizada do parceiro será reforçada, na fantasia, pela atribuição que se lhe é feita de características sobre-humanas, que encarnam a perfeição e substituem, assim, elementos sentidos como imperfeitos precisamente por sua humanidade. É quando o objeto supera o humano, a prótese supera o corpo, e o falso sobrepuja o autêntico, numa operação psíquica defensiva a que os psicanalistas chamam

de recusa da castração. Esse é o componente fetichista das perversões, ao qual o masoquismo não escapará. No romance, ele é claramente ilustrado pela exigência contratual de Severin de que Wanda se cubra de peles para açoitá-lo. A vestimenta de pele, que recobria a pele verdadeira da mulher, constituía um elemento central e uma condição *sine qua non* para a produção da excitação. Sabemos à saciedade que, em todas as épocas, o figurino constituiu um elemento fundamental para a excitação masoquista. Além disso, o paradigma da figura do desejo, no romance, era a Vênus esculpida - Vênus de mármore - que, no nível fantasmático, corresponderia ao ideal acabado da beleza e à matriz mesma do desejo.

A obra de Sacher-Masoch, bem como a de Sade, ficou marcada por sua associação com os desvios patológicos da sexualidade, com a libertinagem e com a imoralidade. Talvez essa estigmatização se deva, em parte, à sua (infeliz?) imortalização perpetrada por Krafft-Ebing. No entanto, esta visão acabou por injustiçar estes autores, cujas obras foram muito além do que se pode considerar como literatura pornográfica. Trata-se, sim, de literatura erótica, o que é muito diferente. A experiência não apenas sensorial, mas sobretudo estética, que se manifesta em um livro como *A Vênus das peles* faz desta literatura uma produção sofisticada que traz à luz os mistérios mais profundos da alma e da sexualidade humana que, se se fazem presentes na superfície do masoquista, não deixam de existir nas profundezas inconscientes do dito "normal", ou seja, do humano universal. Sadismo e masoquismo, como se depreende da obra destes autores, não se reduzem a meros sintomas ou doenças - perversões, de acordo a psicanálise, ou parafilias, de acordo com o linguajar psiquiátrico contemporâneo - mas refletem amplamente modos de vida.

O filósofo Gilles Deleuze não deixou escapar esta dimensão do presente romance, dedicando ao seu autor o trabalho *Présentation de Sacher-Masoch*⁸, e no qual expõe sua crítica à abordagem psicanalítica do sadomasoquismo para, apoiado em Masoch, por um lado, e em Sade, por outro, demonstrar seu ponto de vista de que os fenômenos do sadismo e do masoquismo não seriam pares complementares ou intercambiáveis, mas formações completamente distintas. Cabe lembrar ainda a impossibilidade, apregoada até mesmo por Freud, de tratar dos elementos sintomáticos, sejam eles neuróticos ou perversos, como peculiares a um perfil diagnóstico demarcado e estanque. Entre doença e normalidade não há ruptura, mas continuidade, como aprendemos com Canguilhem.⁹ É assim que a perversão, seja a que se apresenta na figura do masoquismo, seja em outra qualquer, está contida como uma espécie de germe na experiência da normalidade. Os desvarios românticos estão prenhes de ideais de sofrimento e de mortificação. Outras formações centrais da cultura, como a religião, também o estão. Basta recordar os aspectos sensuais do sofrimento descritos nos mais diversos relatos da experiência mística. Portanto, se a literatura de Sacher-Masoch - bem como a do Marquês de Sade - faz, pelo exagero, a caricatura da sensualidade, é certo, outrossim, que ela não se arroga a inventar nada que já não estivesse presente na experiência erótica humana. É daí que advém seu poder de atração.

Para finalizar, não poderíamos deixar de tratar de algo bastante interessante, que é a coincidência da literatura de Sacher-Masoch com sua experiência pessoal. O que se assiste no romance *A Vênus das peles* reproduz a própria vivência do autor. Aos 33 anos de idade ele conheceu uma bela mulher, Fanny Pistor Bogdanoff, também filha da aristocracia, a quem propôs um contrato similar ao firmado entre as personagens Severin e Wanda. Tal contrato incluía a cláusula fatal de que, numa viagem à Itália, ela arranjará um amante e o fará castigá-lo, a Leopold, a golpes de chicote. Consta de sua

⁸ Gilles Deleuze, *Présentation de Sacher-Masoch*, Minuit, Paris, 1967.

⁹ Georges Canguilhem, *Le Normal et le Pathologique*, PUF, Paris, 1984.

biografia que, na vida real, o amante de sua amada, um ator chamado Saviani, recusou-se, no entanto, a açoitá-lo. Fato que, no romance, é corrigido, tornando a ficção mais "perfeita" do que a realidade, isto é, assujeitada à fantasia do autor, tal como um sonho se submete ao desejo do sonhador, desprezando as limitações da realidade. Afinal, como dizia Aristóteles na *Poética*. "não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade"¹⁰.

A fama adquirida com o sucesso deste romance tornou Sacher-Masoch um homem assediado pelas mulheres, algumas genuinamente apaixonadas e outras interesseiras. Foi assim que se deu sua desastrosa união com Aurora Rümelin, que conhecia seus pontos fracos através de sua literatura e, dissimulada, encarnou seu par complementar com o frio intuito de capturá-lo e, deste modo, ascender socialmente. Tiveram três filhos, um deles morto na infância. Por fim, após separar-se de Aurora - que assumira o curioso pseudônimo de Wanda - casou-se com Hulda Meister, com quem viveu de modo mais pacato até sua morte, em 1895, aos 59 anos. Teria ele se "curado" de seu masoquismo excessivo, tal como Severin?

É fato que nem toda literatura comporta uma aproximação tão estreita entre a obra e a realidade do autor como esta que se observa em Sacher-Masoch. Mas sabemos que não há pureza nem na ficção nem na memorialística: uma se impregna com os traços da outra.

¹⁰ Aristóteles, *Poética*, Abril Cultural, São Paulo, 1979, p. 249.

A VENUS DAS PELES

*“E Deus o puniu, e o entregou
às mãos de uma mulher.”
Judite 16, 7*

Era uma companhia encantadora.

Diante de mim, junto ao pé da lareira de anteparo maciço, estilo renascentista, eu via a Vênus, não aquela dama elegante, por certo, de reputação duvidosa, que com tal nome fazia guerra ao sexo oposto, ao modo de uma Cleópatra, mas a verdadeira deusa do amor.

Estava sentada no sofá e atiçava um fogo crepitante, cujo reflexo lambia-lhe a fisionomia pálida de olhos brancos, ou os pés, de tempos em tempos, quando os queria aquecer.

A cabeça lhe caía em efeito magnífico, não obstante os olhos de pedra, e isso era tudo o que eu dela entrevia. Ela envolvera em enorme pele de animal o altivo busto de mármore e tremia como um felino enrolado.

- Minha cara, eu não compreendo... - exclamei. - Não, realmente já não está mais frio, contamos duas semanas de esplêndida primavera. Depreendo que a senhora está nervosa.

- Agradeço pela sua primavera - disse ela em voz embargada de pedra, espirrou logo em seguida, fê-lo divinamente, e então mais duas vezes; - eu não consigo suportar e já começo a entender.

- Entender o quê, minha senhora?

- Começo a crer no inacreditável e a apreender o inapreensível. De uma vez por todas, entendo a virtude das mulheres germânicas e também a filosofia alemã, e não me causa espécie que no Norte não possa haver amor, sim, nem sequer uma idéia do que é o amor.

- Permita-me, madame - retruquei encolerizado -, sinceramente, não lhe dei real motivo...

- Pois não deu... - e pela terceira vez espirrou, contraiu os ombros com uma graça inimitável -, e por isso mesmo eu continuo a lhe ser piedosa e visitá-lo de tempos em tempos, ainda que a cada vez eu muito facilmente me resfrie, ainda que me envolva esta pelagem. Lembra-se da primeira vez que nos vimos?

- E como eu poderia esquecer? - respondi - com a sua cabeleira de cachos castanhos, seus olhos igualmente castanhos e lábios vermelhos, mas eu a reconheço também pela fisionomia e pela palidez de mármore. -E sempre com seu casaco violáceo, adornado com a pele de animal.

- Sim, o senhor desde sempre apaixonado pelo meu traje. E como era dócil, obediente...

- A senhora me ensinou o que é o amor, e a sua serena adoração me fez esquecer dois mil anos.

- E quanto lhe fui fiel é algo sem paralelo. - Bem, no que diz respeito a fidelidade... - Ingrato!

- Não, eu não quero censurá-la. É mulher divina, e no entanto mulher - e, no amor, tão cruel quanto pode ser uma mulher.

- Você chama de crueldade - contrapôs vivamente a deusa do amor -, o elemento por excelência da sensualidade, do amor sereno, da natureza da mulher, entregar-se quando se ama e a tudo que se ama, o que lhe agrada.

- Existe para quem ama crueldade maior que a infidelidade do amado?

- Essa agora! - esbravejou. - Somos fiéis enquanto vivemos, ocorre que vocês exigem das mulheres fidelidade sem amor, e entrega sem desfrute -, onde está, então, a crueldade, na mulher ou no homem? O amor é para vocês, no Norte, coisa por demais importante e por demais séria. Falam de deveres onde se trata de deleite.

- Sim, madame, é verdade que temos, sim, sentimentos bastante apreciáveis e virtuosos, e .relações duradouras.

- E no entanto essa nostalgia intensa e sempre insatisfeita pela nudez pagã - interrompeu-me -, mas aquele amor, que é a mais elevada alegria, a própria serenidade divina, não habita entre vocês, modernos, filhos da reflexão. Trazem consigo a desdita. Se se querem naturais, tornam-se vulgares. A natureza lhes parece algo hostil, fizeram demônios de nós, sorridentes deuses da Grécia, e de mim, uma diaba. Só o que podem é me esconjurar, me amaldiçoar, ou se entregar em sacrifício em delírio bacântico bem diante de meu altar. E quando um de vocês tem a coragem de me beijar a boca vermelha põe-se logo a peregrinar a Roma em traje de penitência, a esperar que algum sangue jorre de um cajado ressequido, enquanto sob meus pés a todo instante brotam rosas, violetas, murtas, e o aroma que exalam não é sentido por vocês. Que fiquem em sua nórdica neblina, em seu incenso cristão. Deixem a nós, pagãos, descansando sob a lava, não nos sepultem. Para vocês não foi construída Pompéia, nem nossas cidades, nossas casas de banho, tampouco nossos templos. Não precisam de deuses! O seu mundo nos resfria! - A bela dama de mármore tossiu, e achegou um pouco mais a pele escura de zibelina sobre os ombros.

- Grato pela aula de período clássico - devolvi -, mas a senhora há de convir que homem e mulher, em seu mundo de céu ensolarado e límpido, tanto como sob o nosso, nebuloso, são de naturezas distintas, e convirá que o amor por um curto espaço de tempo os faz se unir, tornando-lhes capazes de um só pensamento, de uma sensação e de um querer, para então de novo se fazerem dois, e - sabe a senhora melhor do que eu - aquele que falha em subjugar o outro logo lhe sente os pés a lhe forçar pescoço.

- Sim, com efeito, o mais das vezes sente o homem o da mulher - bradou a Vênus com escárnio petulante -, o que o senhor sabe melhor do que eu.

- Sem dúvida, razão pela qual não alimento quaisquer ilusões.

- Tal significa que o senhor é agora meu escravo, desprovido de ilusões; por isso farei a minha parte e o tratarei sem piedade.

- Madame!

- Ah, o senhor ainda não me conhece, pois saiba, eu realmente sou cruel - no sentido gozoso que lhe tem esta palavra -, e acaso não teria o direito de sê-lo? O homem é o cobiçoso, a mulher, a cobiçada, eis aí a vantagem plena e crucial da mulher. A natureza dotou o homem de paixão, e a mulher que não souber submetê-lo, fazer dele seu escravo, seu brinquedo e, ao final, traí-lo com um riso estampado no rosto não será mulher inteligente.

- Vejo que são esses seus princípios, minha cara - observei, indignado.

- Sedimentados em uma experiência milenar - contrapôs zombeteira, enquanto brincava com os dedos brancos na pelagem de cor escura, - quanto mais devotada se

mostrar a mulher, mais de pronto se tornará intimidador e autoritário o homem; porém, quanto mais cruel e infiel, quanto mais o cobrir de maus tratos, quanto mais aviltantemente com ele brincar, e menos piedade demonstrar, maior será a volúpia suscitada no homem, mais será ela por ele amada, e contará com sua adoração. Foi assim desde sempre, desde Helena e Dalila, passando por Catarina ii e Lola Montez.

- Não posso negar - eu disse -, para o homem não há nada que o excite mais do que a imagem de uma despótica mulher bela, voluptuosa e cruel, que dispõe de seus favoritos de maneira atrevida e desconsiderada, a seu bel-prazer.

- E mais ainda se vestir uma pele - arrematou a deusa.

- O que exatamente a senhora quer dizer?

- A sua predileção, eu a conheço bem.

- Pois saiba - ocorreu-me -, que desde a última vez que nos vimos a senhora se tornou tanto mais... coquete.

- E posso lhe perguntar "tanto mais" quanto?

À medida que mais não pode realçar a alvura de seu corpo a não ser por essa escura peliça e que...

A deusa riu.

- O senhor sonha - bradou. - Pois acorde! - e me agarrou pelo braço com sua mão de mármore -, acorde, vamos! - ameaçou a voz ainda uma vez, agora como que arrancada do fundo do peito. Arregalei os olhos tanto quanto pude.

Eu vi a mão que me sacudia, já me aparecia amorenada feito bronze, e a voz revelou-se mais embargada pelo álcool, de meu cossaco, de meu servo cossaco, que se postava diante de mim do alto de seu quase metro e oitenta.

- Ora, levante-se - e continuou o galhardo: - Agora veja se não é uma vergonha.

- E o que seria uma vergonha?

- Adormecer vestido e, como se não bastasse, em cima de um livro - limpou o candeeiro que ardera até o fim e apanhou o volume que me caíra da mão -, e um livro de...- passando os olhos pela capa - de Hegel. Estamos em cima da hora para o encontro com Herr Severin, que nos espera para o chá.

- Sonho intrigante...- observou Severin, quando a ele terminei de contar, pousou os braços sobre o joelho, a cabeça sobre as mãos que as artérias irrigavam delicadamente, e pôs-se a pensar.

Eu sabia que há muito ele se mostrava urna criatura sem vida, e o era de fato, quase não conseguia respirar, tanto que para mim tal comportamento nada tinha de estranho, até porque já havia três anos eu privava de sua amizade e me acostumara com suas esquisitices. Estranho ele era, não havia que negar, mas também não era o louco perigoso pelo qual o tomavam não só na vizinhança, mas todos no distrito de Kolomea. Na verdade, a sua conduta nem me importava lá muito - e por isso mesmo eu havia me habituado a toda uma série de suas pequenas excentricidades -, chegando a nutrir por elas até bastante simpatia.

Para um nobre e detentor de terras da Galícia, e pessoa da sua idade - não tinha muito mais que 30 anos - ele exibia uma notável sobriedade de conduta, algo de seriedade, um quê de quase pedantismo. Vivia seguindo sistemática minuciosidade, meio filosófica, meio prática, fazendo tudo sempre na mesma hora, e não só segundo o relógio ele vivia, mas regrado pelo termômetro, pelo barômetro, pelo aerômetro, pelo

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

